

Revista da

FACED

Universidade Federal da Bahia



6

ISSN 1516-2907

As Tecnologias Contemporâneas e os Desafios para a Escola com Futuro

RESUMO: Apenas soluções tradicionais não dão mais conta de resolver os problemas da escola do futuro. É preciso coragem para propor, transgredir e, sobretudo, construir coletivamente novas regras, a partir das tecnologias contemporâneas.

PALAVRAS-CHAVE: Educação e tecnologias contemporâneas, escola do futuro.

Menandro Ramos

Doutorando em Educação UFBA
Professor Assistente-FACED/UFBA
menandro@ufba.br

O que dizer desses novos aparatos que a todo o momento acenam para a escola de forma quase irresistível? Tal qual em Homero, devemos pedir que nos amarrem os braços e tapem-nos os ouvidos para não ouvirmos o canto fatal que nos levaria à danação sem retorno?

Gostaria de propor o contrário. Gostaria de ouvir o canto da Sereia do princípio ao fim, completo, de até mesmo poder assoviar uns acordes, ou quem sabe, poder adaptá-lo a uma letrinha que diga respeito a minha cotidianidade. Em outras palavras, eu quero conhecê-lo e a fundo, se possível... Por favor, não me amarrem, não obstruam os meus sentidos, quero estar condenado à liberdade, quero ser livre, ou pelo menos tentar perder alguns grilhões.

Estamos apostando em webpáginas e ambientes multimidiáticos. Sem descartar o velho livro e tantas outras mídias concebidas historicamente pelo engenho humano, acreditamos na grande contribuição que a tecnologia digital poderá trazer à educação. Evidentemente, não imaginamos de forma ingênua, que será a panacéia para os nossos males. Também estamos atentos para não repetir os equívocos de um passado recente, na tentativa de editar um neotecnicismo, em que mídias e ferramentas sejam, mais uma vez, absolutizadas.

Queremos acreditar que o paradigma da escola da era gutemberguiana e da primeira revolução industrial de muito tempo já foi colocado em cheque. Mesmo sabendo que os resquícios do passado ainda perdurarão, não podemos ficar indiferentes às demandas sociais por soluções distintas das até então apresentadas.

Na história da humanidade, os problemas e as soluções são sempre provisórios. Para cada problema, uma solução histórica. E sempre outras questões estão a surgir, exigindo, por sua vez, soluções mais complexas que as anteriores.

A inserção ao mundo digital não é diferente. Em 1995, Negroponete havia previsto para este ano de 2001, computadores pessoais com preço inferior a 200 dólares. Mesmo se ele tivesse acertado na sua profecia, a grande maioria da população ainda teria dificuldade em adquirir um computador.

Ora, se a ocorrência da alfabetização tradicional, infinitamente mais barata, ainda não se deu de forma absoluta - pelo contrário, ainda estamos muito longe disso, tribal ou globalmente - o que pensar da "alfabetização" digital, cujos suportes e instrumentos são de acesso dificultado pelo alto valor de aquisição, com preços proibitivos se comparados ao lápis e ao papel?

Contudo, não podemos ficar indiferentes a recursos que cada vez mais são apontados por estudiosos como sendo importantes para os processos educativos, tanto na dimensão da comunicação quanto no que diz respeito às construções cognitivas.

Há sérios entraves para a realização plena da Escola com Futuro¹, pois não é fácil remover os resíduos da Escola sem Futuro, ou pelo menos, isso jamais ocorrerá da noite para o dia. Ela resiste, traveste-se, adapta-se com indumentárias de mudança para conservar-se, simula equilíbrio ou segurança e dá receitas de como alcançar o êxito. Apresenta um rosário de alegações para não sair da mesmice.

No caso da escola pública, alegar a impossibilidade de dar os primeiros passos por não dispor de máquinas suficientes para o alunado é o mesmo que, no passado, ter se recusado a investir no transporte por não haver estradas suficientes para fazê-los trafegar.

Vencidos os exageros da novidade sedutora ou mesmo da tentação do modismo, educadores de todos os naipes se debruçam diante das múltiplas possibilidades de uso dos computadores no processo ensino-aprendizagem e recriam ou inventam novas abordagens em espaços pedagógicos que sutilmente vêm sendo transformados.

Com grande frequência, vem-se ouvindo propostas que criticam as "pirotecnias" audiovisuais e que passam a cobrar soluções interativas, de fato mais efetivas, diferentes das prometidas por astucioso marketing de softwares e produtos multimidiáticos.

Parece pertinente propor soluções com bases psicopedagógicas mais críticas e participativas. Sobretudo, resistir à tentação do redesign das máquinas de ensinar, tão em moda nas décadas anteriores, mas refutadas contemporaneamente por propostas construtivistas mais convincentes.

(1) No sentido dado por Nelson Preto, no seu livro "Escola sem/com Futuro", da Ed. Papirus

As mídias digitais também suscitam a investigação e o debate sobre a dimensão estética e os aspectos relacionados à funcionalidade e ao conforto visual. Designers e teóricos dessas novas mídias questionam as soluções estéticas e comunicacionais realizadas com êxito nos impressos, inclusive defendendo linguagens com status próprio. Defensores da programação visual que tem por pressupostos os princípios clássicos da composição harmoniosa se defrontam com o paradigma da instabilidade e da ruptura, iniciado no primeiro quartel do século passado, com os construtivistas russos, tendo à frente deles, pela importância das proposições, El Lissitzky, além dos designers do grupo De Stijl (com destaque para THEO VAN DOESBURG) e do movimento Bauhaus, dentre outros, amplamente influenciados por estilos de pintura e soluções arquitetônicas do início do século, e evidenciado nas últimas décadas por nomes quais o de Neville Brody e o de David Carson. Novos termos vêm enriquecendo o léxico da língua e são rapidamente incorporados pelas novas gerações de comunicadores visuais, ou mesmo por leigos na matéria, a exemplo da badalada expressão “padrão global” ou do reiterado “estilo MTV”, com significados especiais e distintos.

O mundo está mudado, dizem os mais conservadores ou aqueles que se assustam com a velocidade vertiginosa das mudanças. De fato. Mas esta é uma característica do mundo: a mudança inexorável, o devir eterno. Como a própria natureza, o grande construto das realizações humanas, tanto concreto quanto conceitual e simbólico, vem sendo perpetuamente modificado, demolido, reconstruído, atualizado, ressignificado. Num aparente paradoxo, o universo heraclitiano é o permanente.

Toda a humanidade temos incrustada em nós a semente da contradição. Somos anjos e demônios, Ormuz e Arimã, Apolo e Dionísio, revolucionários e retrógrados. Podemos aniquilar, violentar, matar, aprisionar, destruir, odiar - mas podemos também fazer brotar a vida e a centelha da esperança, superar os obstáculos, libertar e amar. Não somos um modelo definido e fechado. Somos sempre um projeto em construção. Somos sempre a utopia. Por natureza, insurgimo-nos permanentemente contra a banalidade do cotidiano. Mesmo que o pessimismo e a desesperança abatam o indivíduo em particular, o sonho sempre se renova na espécie, talvez de forma determinística, como tem demonstrado a História. Talvez.

Acreditamos que a ferramenta, a técnica e todas tecnologias, incluindo-se aqui as construções simbólicas, não passam de manifestações extra-somáticas humanas para resolver ou engendrar problemas, perseguir a utopia ou mitigar angústias. O primeiro, ou pelo menos um dos primeiros computadores, o ENIAC, construído nos Estados Unidos e financiado pelas Forças Armadas americanas a um custo atual equivalente a cerca de 20 milhões de dólares, tinha por propósito calcular a trajetória da bala de canhão até um determinado alvo. Certamente esse alvo poderia ser cidades onde vidas fatalmente seriam ceifadas. Nem por isso essas prodigiosas máquinas deram continuidade a apenas projetos de destruição. É inegável, hoje, a presença delas em todos os setores da sociedade, com fins bem mais dignificantes e a um custo infinitamente inferior. Verdade seja dita que o potencial de uso predatório continua presente, haja vista as manifestações de ressurgimento do famigerado projeto “Guerra nas Estrelas” com capacidade de destruição nunca dantes imaginada. Sem falar na categoria dos excluídos que a nova tecnologia inegavelmente vem criando.

A despeito das referidas mazelas, acreditamos na capacidade humana de superação, de dar a volta por cima. A Internet, inicialmente pensada para fins estratégicos militares nos anos quentes da guerra fria, foi apropriada pelo comércio, pela indústria, pela escola, pelos movimentos sociais e pela sociedade civil em geral e muito está ainda por acontecer. Expressões até pouco tempo desconhecidas como “cibermilitância”, “reivindicações em rede”, “guerrilha virtual” já fazem parte do jargão dos movimentos sociais preocupados em instrumentalizar digitalmente os militantes da atualidade.

Organização Não-Governamental como o Greenpeace que antes via a Web com reservas, tradicionalmente cautelosa em virtude dos efeitos colaterais oriundos das tecnologias, hoje mantém websites em mais de quarenta países, prontos a denunciar com agilidade os crimes cometidos contra o meio ambiente.

Outras tantas ONGs vêm atuando nas Áreas dos Direitos Humanos, da Saúde, na Defesa da Mulher, do Índio, da Criança e do Consumidor, da Anistia Política, da Proteção aos Animais Silvestres e de um sem número de causas humanitárias. Entidades como a CUT, a OAB, Movimento dos Sem Terra e grupos internacionais de guerrilha, dentre muitos espalhados pelo planeta, são

exemplos de organizações que já compreenderam a importância dessa nova mídia de comunicação na sociedade contemporânea.

Não tem sentido, pois, a educação num mundo de comunicação como este a que chegamos prender-se às soluções legitimadas apenas em outros contextos históricos. Precisamos ter coragem para propor o inusitado, para ousar, para transgredir, para construir coletivamente novas regras. Muitas das velhas metodologias precisam ser urgentemente substituídas, da mesma forma que muitos dos conteúdos e objetivos precisam ser revistos. Se a avaliação não tiver como propósito o reconhecimento de rotas ou a correção de rumos, mesmo que estes sejam múltiplos como os apontados pela rosa-dos-ventos, por certo, ela de nada adiantará. Será estéril, inócua, perversa, fascista. As fronteiras da sala de aula precisam ser ampliadas ou até mesmo rompidas. Na década de 70, McLuhan já anunciava o desaparecimento delas. Novas conexões precisam ser estabelecidas, do mesmo modo que ecologias cognitivas precisam ser asseguradas. Interlocução, interatividade, interculturalidade, diversidade, inclusão da diferença, relação dialética e dialógica são algumas das proposições desafiadoras para a Escola com Futuro.

ABSTRACT: Traditional approaches are not enough to solve the problems of future schools. It takes courage to propose, to break up with and, especially, to construct new rules starting from contemporary technologies.

KEY WORDS: Education and contemporary technologies, future schools.

Bibliografia

MORAES, Dênis D.O. *O concreto e o virtual: mídia, cultura e tecnologia..* Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

RÜDGER, Franciosco. *Elementos para a crítica da cibercultura: sujeito, objeto e interação na era das novas tecnologias de comunicação.* São Paulo: Hacker Editores, 2002.

PRETTO, Nelson De Luca, *Uma escola sem/com futuro.* Campinas, São Paulo: Papirus, 1996. – (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).